

QUESTÕES DE GÊNERO E MASCULINIDADES *EM MEIO SOL* *AMARELO* DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

GENDER AND MASCULINITY ISSUES IN HALF OF A YELLOW SUN
BY CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE.

Alyxandra Gomes Nunes

ABSTRACT: This article aims at discussing general ideas around the issue of masculinity as for the male characters in *Half of a yellow sun*, the historical novel by the Nigerian author Chimamanda Ngozi Adichie. As for some of them embodies the so-called traditional African male and others the opposition of typical white European male. We discuss how expected male gender and sex roles are represented in the work of Adichie.

KEY-WORDS: Chimamanda Adichie; Masculinity; Africa; Novel.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir ideias gerais em torno da questão da masculinidade nas personagens masculinas em *Half of a yellow sun*, romance histórico da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Alguns destes encarnam o chamado homem africano tradicional e outros a oposição do típico homem branco europeu. Discutimos como os papéis do sexo e gênero masculino são representados no trabalho da referida autora.

PALAVRAS-CHAVE: Chimamanda Adichie; Masculinidade; África; Romance.

Editor-Gerente

[Ivaldo Marciano de Franca Lima](#)

Editores

[Detoubab Ndiaye](#), Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus II

[Dr. Pedro Acosta Leyva](#), UNILAB - São Francisco do Conde /Ba, Brasil

QUESTÕES DE GÊNERO E MASCULINIDADES EM *MEIO SOL AMARELO* DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Alyxandra Gomes Nunes¹

As personagens femininas de Chimamanda Adichie geralmente dão voz a diferentes visões e posturas do feminismo. Ao leitor cabe atentar para uma visão sobre práticas femininas e feministas que ecoam o pensamento de algumas teóricas do(s) feminismo(s) africano(s), pois refletir sobre o lugar da mulher na sociedade nigeriana contemporânea é uma das preocupações da escritora em questão. Essa mesma preocupação se dá com a montagem e os diálogos das personagens masculinas de *Half of a yellow sun*.

As personagens masculinas engendram discursos que permitem analisar o homem de sua versão ideal para a real. Alguns beiram o ridículo, como o chefe Okonji, outros são surpreendentemente avançados em seus liberalismos e em sua mentalidade quanto ao relacionamento com as mulheres, a exemplo de Mohammed. Há personagens que crescem tanto ao longo da narrativa que mereceriam um capítulo inteiro dedicado a si, tal como Ugwu; outros são tão reais como Odenigbo. Há uma pleora de tipos na narrativa que faz o leitor refletir sobre diferentes posturas de masculinidades num cenário ibo-nigeriano-africano contemporâneo. Certamente, nossa leitura está filtrada pelo distanciamento cultural e espacial, mas também é mediada pela materialidade do texto ficcional e pelas diferentes possibilidades de ler o lugar do personagem masculino no romance.

A chave de leitura pelo viés das masculinidades é um caminho de introspecção no modo operacional dos homens da narrativa e de seus questionamentos sobre o que é ser homem num contexto anterior à guerra, o que seja ser homem durante a guerra, sobre o olhar que os outros têm de si, sobre os relacionamentos em geral. Em primeiro lugar devemos voltar o nosso olhar para o debate do que sejam e como entendermos o que as masculinidades africanas. O texto de Adichie traz elementos que nos remetem a pensar sobre as masculinidades africanas e sobre o lugar desses homens na sociedade específica. O exercício de deixar o texto literário fluir e nos apontar as diferentes chaves de leitura é surpreendente, pois ele nos mostra personagens como Ugwu, que cresceu física, intelectual e moralmente na narrativa, ao ponto de ser dele a última palavra do romance. Apresenta-nos também um homem à frente de seu tempo como Mohammed, o qual, talvez, funcione como o ideal contemporâneo de masculinidade idealizado por Adichie, visto que representa um ‘modelo de comportamento masculino’; ou melhor, Mohammed pode

¹Docente da UNEB, DCH V, membro do Grupo de Pesquisa África do Século XX, e do Programa de Pós Graduação em Estudos Africanos e Representações da África, UNEB DEDC II.

representar aquilo que Adichie mais quer com alguns personagens de suas narrativas: desconstruir estereótipos, neste caso, o estereótipo do homem muçulmano bruto.

Quando falamos em masculinidade, estamos cientes de que operamos num campo relativamente recente nos estudos sobre gênero e em especial na vertente gênero masculino em África. Vale a pena, porém, a leitura, uma vez que a compreensão sobre o que é ser homem faz parte também das preocupações da nossa escritora. Ela entende que as questões sobre gênero masculino e feminino não ocupam lugares isolados no debate de equidade; ambos os conceitos são apreendidos relacionamente; não existe um isolamento na percepção do(s) feminismo(s) ou da(s) masculinidade(s) segundo a autora.

Adichie (2010) pondera sobre alguns argumentos quando se fala em masculinidades do homem nigeriano, do homem em geral e comum, e daqueles que têm o poder. Ela também alerta para o fato de que muitas mulheres nigerianas bem sucedidas sucumbem aos ideais de masculinidades para não deixar que seu lado feminino de sucesso sobrepuje o lado masculino de seu parceiro. Adichie demonstra sua indignação sobre tais questões ao contar um episódio em que ela dá gorjeta a um rapaz que a ajudou a estacionar e ele, ignorando o seu gesto e a sua presença, agradece ao amigo que a acompanha:

Você está reduzida a duas opções; jogar duro e com raiva e ofender assim a sua masculinidade e tê-lo a te manter estacionada à beira da estrada, exigindo documento após documento. Ou para jogar o joguinho feminino da mulher frágil e massagear sua masculinidade, uma masculinidade já frágil da má remuneração e várias outras indignidades do estado nigeriano. Estou furiosa com estas opções. Estou furiosa com o pressuposto de que, por ser bastante jovem e feminina significa que você é incapaz de ganhar sua própria vida sem um homem. E ainda, às vezes, eu simplesmente faço o joguinho sorrindo, porque estou atrasada ou estou com calor ou eu simplesmente não estou dedicada o suficiente para o meu princípio feminista (ADICHIE, 2010, p. 1).²

Nessa passagem, Adichie salienta uma característica fundamental da masculinidade africana e nigeriana mais ‘afuniladamente’. Trata-se de lidar com homens subalternizados, homens que, em geral, foram iludidos por um sistema de crenças, de educação e por uma história que o define como alguém de poder, mas, no fundo, esse homem nigeriano (jovem e comum) não tem poder algum, além do poder do pênis e dos pequenos poderes de que dispõe em ambientes

²“You are reduced to two options; to play angry and tough and to thereby offend his masculinity and have him keep you parked by the roadside, demanding document after document. Or to play the Young Simpering Female and massage his masculinity, a masculinity already fragile from poor pay and various other indignities of the Nigerian state. I am infuriated by these options. I am infuriated by the assumption that to be youngish and female means you are unable to earn your own living without a man. And yet, sometimes I have taken on the simpering and smiling, because I am late or I am hot or I am simply not dedicated enough to my feminist principle”(p.1). ADICHIE, 2010. Cf.: <http://www.nigeriafilms.com/news/10149/21/a-young-female-is-unsuccessful-without-a-man-in-ni.html>.

domésticos, por exemplo. Superar uma masculinidade indigna é tarefa de homens e mulheres que refletem sobre seu ser no mundo.

Para Adichie, a concepção de masculinidade não pode continuar a ser um caminho para tolher as liberdades femininas, muito menos a própria ideia de masculinidade não pode servir para encarcerar o homem em papéis nos quais ele não se sente confortável ou que não pode exercer, mas que, por ser homem, não há como escapar. A expectativa sobre qual papel cabe aos homens também massacram suas subjetividades e os fragilizam diante de suas parceiras e da sociedade. Para Adichie, nem o homem nem a mulher deveriam se esconder atrás da cultura para exercer domínio um sobre o outro, muito menos a mulher deveria sucumbir à pressão social para ter um homem ao seu lado, para se certificar sobre sua existência e competência.

Em *Sejamos todos feministas* (2014), a autora retoma o debate sobre masculinidades, pois, sendo uma conferência sobre feminismo, é inevitável falar do assunto sem tratar do lugar do homem nessa relação. Adichie reconhece as diferenças essenciais entre homens e mulheres, no que tange à biologia, e disserta sobre a importância histórica de se ter um macho dominante em épocas remotas, quando era necessário haver uma liderança com força física que assegurasse a existência da espécie. Entretanto, a cultura e a história sofrem processos de transformação, que, para a autora, não acompanham o ritmo de interpretação dos papéis de homens e mulheres na sociedade: “Tanto um homem como uma mulher podem ser inteligentes, inovadores, criativos. Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar.” (ADICHIE, 2014, p. 6). Para a autora, a justiça de gênero é algo que precisa mudar urgentemente.

A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente [...]. Abafamos a humanidade que existe nos meninos, enclausurando-os numa jaula pequena e resistente. Ensinamos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são – porque eles têm que ser, como se diz na Nigéria, homens duros (ADICHIE, 2014, p.7).

Segundo Adichie, para que tenhamos um outro homem, é necessário criarmos homens e meninos de uma maneira menos nociva às suas subjetividades. O modo como se entende masculinidade atualmente no mundo ainda é muito estreito e a consequência dessa dureza sobre os meninos é a construção de homens com subjetividades frágeis, pois os que aparentam ser durões são geralmente frágeis e violentos.

A autora ressalta que as mulheres nigerianas foram criadas para se verem como culpadas de tudo, para serem inerentemente culpadas pelo fim do casamento, pelos problemas no trabalho, na família etc. Isso só faz com que essas mesmas mulheres vejam os homens como seres selvagens, criaturas que não podem dominar, por exemplo, seu ímpeto sexual e que, por isso, teriam direitos de violar meninas – um comportamento tido como natural do ser do homem.

É imperioso um amplo debate sobre a questão de gênero, mas isso não seria realizado de forma fácil, pois implicaria uma destituição do *status quo* do homem na sociedade nigeriana. Obviamente, Adichie não está afirmando que todo homem nigeriano é violento, mas debate o fato de que a mentalidade machista do homem e da mulher (sic) é construído de um sistema de crenças compartilhado por toda a sociedade nigeriana contemporânea, seja ela cosmopolita ou não; ibo ou não.

Como o debate sobre gênero é sempre desconfigurado tanto por homens como mulheres, muitas vezes, Adichie acredita que há que se fazer um esforço coletivo para trazê-lo à conversa em todos os setores da vida do nigeriano, seja sobre desempenho na escola, seja sobre salários e funções burocráticas, seja no plano intelectual, seja em trivialidades, como no fato de um garçom apenas cumprimentar o homem da mesa e de perguntar ao cavalheiro o que a dama querará consumir. A autora compreende que, no discurso sobre masculinidades, cabe igualmente o debate sobre classe, mas o gênero persiste. Afinal, como diz: “Um homem pobre ainda tem os privilégios de ser homem, mesmo que não tenha o privilégio da riqueza” (ADICHIE, 2014, p. 11).

Segundo a autora, o que causa tanta disparidade entre homens e mulheres é a expectativa de atitudes baseadas em ideias pré-concebidas de gênero. O homem tem que fazer isso; a mulher, aquilo. Mas a suscetibilidade às sugestões e induções dos modelos de gênero torna as pessoas e relacionamentos infelizes. O olhar masculino não deveria determinar a vida das mulheres nem de homens, mas atitudes cambiáveis de compreensão mútua baseadas em princípios de igualdade, em luta constante e fraterna pela justiça de gênero. Seria uma postura bastante utópica, mas plausível.

Pesquisadores africanos, africanos diaspóricos e não-africano desenvolvem um subcampo nos estudos de gênero voltado às subjetividades masculinas africanas.³ Contemporaneamente esse campo de estudo teve sua origem, como um bloco de pensamento sobre a ontologia do ser homem negro no mundo, nos estudos de gênero nos Estados Unidos. Tanto Uchendu (2007) quanto Ratele (2008) atentam para o caráter ainda em formação desse campo de estudos em universidades do continente africano e da necessidade de seu fortalecimento, vital para o avanço

e modernização das ciências sociais em África. Para Ratele (2008), o projeto de se estudar o homem em sua pluralidade é um contributo radical para as transformações de gênero em todo o continente: “Para qualquer um preocupado com a injustiça mundial, um estudo sobre o homem não pode ser sublinhado pelo projeto de subverter o poder masculino, reelaboração das masculinidades hegemônicas e superioridade de gênero”⁴ (RATELE, 2008, p. 20).

Mais uma vez ressalto a necessidade de não perder da mente a natureza multidisciplinar e multicultural dos estudos do gênero masculino em África. Ainda que como um campo recente em vias de constituição e consolidação, o estudo de gênero que englobe o homem africano plural apresenta uma frutífera produção acadêmica, em vários países tanto da África quanto do resto do mundo. No nosso caso, nos interessa ter um panorama das questões de gênero na Nigéria. A pergunta que se coloca é: teriam os diferentes povos que constituem a Nigéria a mesma visão sobre o lugar e o papel do homem na sociedade nigeriana? Bastaria, talvez, analisar as concepções de masculinidades dos três grupos hegemônicos? E os subgrupos de um mesmo povo, como no caso nosso, a ideia do pan-igbo? Teriam todos os ibos a mesma concepção de masculinidade? A resposta parece ser não. Essa negativa vem da assunção de que não há hegemonia sobre o ser homem; o que existe é uma heterogeneidade de visões de mundo dentro dos mais de trezentos povos distintos que formam o mosaico nigeriano. “Que as categorias de gênero são construções sociais indicam a existência de variedades de masculinidade dentro de uma sociedade, através de sociedades e através dos continentes”⁵ (UCHENDU, 2008, p.2).

Como o material básico do nosso trabalho é o texto literário, farei um recorte espacial e tentarei focar no discurso acadêmico sobre masculinidade na Nigéria⁶ de modo geral, para, em seguida, analisar como essas visões se articulam no texto literário de *Half of a yellow sun*. Eventualmente, trabalharei com outros autores não-nigerianos para ampliar o debate. Não vamos perder de vista que o patriarcado é uma instituição e um modo de pensar que extrapola realidades

³ Novamente estamos usando o plural por entendermos que não existe uma tipologia de masculinidade, mas uma pletora de identidades masculinas ao redor do continente que muda segundo infinitas variantes: raça, cor, povo, classe, idade, religião, grupo, geografia, títulos, etc.

⁴ “For anyone concerned with injustice around the world, a study of men cannot be underlined by the project of subverting male power, a reworking hegemonic masculinities and gendered superiority”.

⁵ “That gender categories are socially constructed indicates the existence of varieties of masculinity within a society, across societies and across continents (...) masculinity could differ from place to place and from continent to continent.” (UCHENDU, 2008, p.2).

⁶ Codesria (<http://www.codesria.org>) tem algumas publicações sobre gênero em África e realiza, há alguns anos, o Instituto de Gênero (GenderInstitut) para reunir pesquisadores de todo o continente e da Diáspora sobre gênero, de modo a avançar o debate em África, como por exemplo, *Locating gender and women studies in Nigeria, Mouvements sociaux des femmes au Sénégal, Gender, Politics and Land Use in Zimbabwe: 1980–2012, Women and Power: Education, Religion and Identity*. Uma das principais pesquisadoras na área é a nigeriana Egodi Uchendu. Será com base em seus textos que irei apresentar as principais visões sobre masculinidade em África. Egodi é professora de História na Universidade da Nigéria em Nsukka.

africanas, mas, ainda assim, há particularidades nas chamadas masculinidades africanas (ibo-nigerianas) e é dela que falaremos em seguida.

Adichie afirma que não acredita em escrita de ficção como catarse ou como palco para suas ideologias pessoais. Ela reitera que, se os seus textos fossem palco de suas ideologias pessoais, suas histórias somente teriam personagens femininas fortes e independentes financeira e emocionalmente dos homens. Todavia, é inevitável ler o exercício de reflexão sobre sua sociedade e sua história ao longo de seus textos. E isso vale para qualquer escritor de ficção ao longo da história. Uma coisa é o texto de ficção que se aproxima da realidade e toma a verossimilhança para chegar aos corações de seus leitores, outra coisa é o texto jornalístico ou histórico; mas, ainda assim, muitas vezes as fronteiras entre esses gêneros textuais não são facilmente delineadas.

As personagens masculinas em Adichie não são obviamente homens reais, mas exercícios de reflexão acerca de uma masculinidade que integra o projeto de nação no qual ela está inserida. A análise de características, ações e falas dessas personagens levam o leitor a exercitar o olhar sobre os homens ibo-nigerianos. Quem é o homem africano, no sentido plural? Como podemos acessar o modo de ser dos homens africanos? Existe um homem africano, uma singularidade? É possível depreender essa particularidade através da análise do material ficcional dos homens africanos? Haveria uma auto-reflexão masculina sobre sua natureza? A quem importa conhecer esse homem africano plural? Essas e outras perguntas povoam o universo de quem se interessa por uma compreensão maior das masculinidades africanas. E a conexão entre literatura e masculinidade, como se dá? Quais são as interseccionalidades entre ficção e masculinidade? Todas essas interrogações rumam para o campo das possibilidades facultadas por textos literários povoados de personagens homens que refletem visões de masculinidades inexoráveis de seu tempo.

O texto adicheano permite a nós, leitores, nos aproximarmos do que pode(m) ser o(s) homem(s) nigeriano(s) na perspectiva de uma escritora mulher, acadêmica, jovem e pertencente à alta classe média. Ora, não estamos interessados em retrato fiel da realidade, estamos mais focados em acessar as diversas possibilidades de entendimento de masculinidade dentro de uma construção crítica da narrativa da nação nigeriana. Importa vermos como os personagens navegam espaços de masculinidade, ora certificando suas posições de macho, ora subvertendo expectativas sobre si ou em tempo, negando masculinidades hegemônicas.

Dos tantos personagens masculinos em *Half of a yellow sun*, elegi alguns para com eles interpretar as masculinidades possíveis no romance. Veremos de que forma elencam, confirmam e subvertem características e comportamentos esperados do macho. Veremos como uma das

personagens principais, Richard, rejeita sua masculinidade hegemônica e sucumbe ao amor por Kainene; veremos o crescimento de Ugwu como homem, da infância à idade adulta, passando por ritos de iniciação de uma masculinidade ligada à guerra; veremos o lado mais mundano da masculinidade de Odenigbo ou a confirmação de exacerbação de masculinidade em personagens como o pai de Olanna, ou em seu tio Mbaezi ou mesmo no militar Madu. Mohamed é a alternativa ao homem muçulmano comum.

Ugwu é o personagem masculino que mais cresce na narrativa. Ele sofre um processo de *bildung*⁷ do início ao fim do romance: inicia com um perfil e termina com outro absolutamente diferente e maduro. Todo o romance representa sua transição de uma fase infanto-juvenil para o mundo dos adultos, além de um crescimento intelectual que passa pelo reconhecimento de si, pelo conhecimento de seus pensamentos, suas visões de mundo e seu crescimento intelectual a partir da convivência com o mundo de Olanna e Odenigbo. Ugwu era um menino da aldeia que fora enviado por sua tia para trabalhar na casa de Odenigbo como criado. Ele deveria estar na faixa dos 13 anos e tamanha era sua inocência e limitação de mundo que “não acreditava que houvesse alguém, nem mesmo o patrão com quem viveria, que comesse carne *todo dia*”⁸ (ADICHIE, 2008, p. 11). O espanto diante da abundância era tal, ao ponto de ele guardar nos bolsos coxas de galinha para dividir com a irmã quando esta viesse visitá-lo na casa nova onde fora morar (ADICHIE, 2008, p. 17). Para o menino, ver o patrão com dedos dos pés tão alvos e cuidados numa sandália de couro era sinal de que o patrão parecia ter pés femininos, pois estavam limpos; ou seja, em sua mentalidade, homem tem que ter o pé sujo e cascudo. Ugwu não conhecia geladeira e achava que água saindo da torneira era magia; não sabia ler ou escrever; não sabia nada de história da África. Ugwu não sabia de nada, para além do mundo que habitava com a família.

Você sabe quem na verdade matou Lumumba?, disse o Patrão, erguendo os olhos de uma revista. “Foram os americanos e os belgas. Não teve nada a ver com Katanga.”

“Pois não, sah, disse Ugwu. Queria que o patrão continuasse falando, para poder escutar sua voz sonora, a mistura musical de palavras inglesas nas frases que dizia em ibo.

Você é meu criado. Se eu lhe der ordem para sair na rua e surrar uma mulher que passa, apoiada num cajado, e você então a fere na perna, quem é responsável pela ferida sangrenta, você ou eu?

Ugwu fitava o Patrão, sacudindo a cabeça, se perguntando se por acaso ele estava se referindo por linhas tortas ao frango assado.

⁷ Importa percebermos que Ugwu é mais um personagem adicheano que passa por um processo importante na sua transformação e crescimento como ser humano. Essa tomada de consciência e crescimento pessoal torna-se também um tropos na narrativa de Adichie; o tema também aparece em seus contos.

⁸ A ênfase está no original.

“Lumumba era primeiro ministro do Congo. Você sabe onde fica o Congo?”
perguntou o patrão.
Não, *sah*.⁹ (ADICHIE, 2008, p. 19)

Ugwu cresce, então, como criado de Odenigbo ao conviver com as rodas de conversas de Olanna e amigos. Ele convive com as garotas da vizinhança e tem sua iniciação sexual com uma empregada de um vizinho de Odenigbo. Quando da chegada de Baby, ele a acolhe como a uma irmã mais nova e cuida da menina com todo esmero. Ugwu era um menino que acreditava nos misticismos de seu povo, respeitava os mais velhos, amava seus amigos do mesmo círculo de idade, gostava de ouvir as histórias que Jomo, o jardineiro, contava. Ugwu sabia que não era um empregado como os outros; tinha alguns privilégios que outros empregados da região não tinham: dormia num quarto só seu, numa cama confortável e decidia o que fazer para o almoço do patrão. E o melhor de tudo, fora matriculado na escola para filhos de funcionários da universidade.

A vida do menino Ugwu seguia perfeitamente normal até o momento em que a guerra estourou. Ele fugiu com Odenigbo, Olanna e Baby para outras cidades na região leste da Nigéria. De cidade em cidade, um dia foi pego e enviado para o campo de batalha. Nesse período foi obrigado a crescer e, no meio da guerra, entre tantas crianças-soldado,¹⁰ passou pelo mais cruel ato de iniciação masculina em guerra: um estupro. Até então, as noções de masculinidade que Ugwu tinha provinham tanto de sua convivência com sua família quanto da convivência com o exemplo de homem que Odenigbo era para ele, e os outros homens com os quais ele passou a conviver quando fora morar em Nsukka. Contudo, na guerra, tudo era diferente. Ele passou a questionar muitas coisas sobre seu mundo, seu país e sobre a guerra em si; passou a questionar a

⁹ “You know who really killed Lumumba? Master said, looking up from a magazine. ‘It was the Americans and the Belgians. It had nothing to do with Katanga.

‘Yes, sah.’ Ugwu said. He wanted Master to keep talking, so he could listen to the sonorous voice, the musical blend of English words in his Igbo sentences.

‘You are my houseboy’. Master said. ‘If I order you to go outside and beat a woman walking on the street with a stick, and you then give her a bloody wound on her leg, who is responsible for the wound, you or me?’

‘Ugwu stared at Master, shaking his head, wondering if Master was referring to the chicken pieces in some roundabout way.

‘Lumumba was the prime minister of Congo. Do you know where Congo is? Master asked.

‘No, sah’. (ADICHIE, 2007, p. 10)

¹⁰ Alguns documentos falam o quão não treinados e inapropriados eram os soldados do lado biafrense, e Ugwu vem ilustrar essa situação a partir do como modo foi recrutado. Na correspondência de David Hunt, *Nigeria: the secession of Eastern Nigeria*, endereçada ao Secretário de Estado para Assuntos da Commonwealth, com data de 1 de julho de 1967, o autor fala de sua preocupação com a qualidade dos combatentes. Vejamos: “§9. I would beg to be excused from forecasting the likely outcome of an invasion of the East if it takes place. The newly enlisted Ibo infantryman is an unknown quantity – there is, of course, no shortage of capable drivers, mechanics, trained and experienced soldiers in the ranks. It is natural to suppose is a lack of though short of training, the Ibos will put up a reasonable fight in defence of their homes; but I have heard doubts expressed about this The Federal armies will be in better trim than they looked only a few weeks ago, particularly since the recall of reservists will have provided them with a good number of well-trained old sweats – many of them British-trained – whose discipline has not been affected by coups and the turmoil of the past eighteen months” (HUNT, 1967, p.03)

validade da secessão. Entre idas e vindas e devaneios de sua consciência, agarrado à sua paixão pelos livros (ele mantinha consigo um, durante a guerra, para ler), Ugwu se viu obrigado a estuprar, junto com seus colegas de tropa, uma menina que trabalhava num bar perto do campo de guerra. Esse acontecimento estilhaçou a alma de Ugwu.

A cabeça de Ugwu doía. As coisas estavam mudando muito rápido. Ele não estava vivendo sua vida; a vida é que o estava vivendo. Bebeu sem parar, vendo os outros soldados, bocas se abrindo e fechando em zombarias rançosas, bravatas cabotinas e lembranças exageradas. (ADICHIE, 2008, p. 422).

[...]

Ujoabiala o! O Destruidor de Alvos está com medo!”

Ugwu deu com ombros e se aproximou. “Quem está com medo?”, disse com desdém. “É que eu gosto de comer antes dos outros, só isso.”

“A comida ainda ta fresca!”

“Destruidor de Alvos, você não é homem? *I bukwanwoke?*”

No chão, a moça não se mexia. Ugwu desceu a calça, surpreso com a rapidez de sua ereção. Ela estava seca e tensa quando entrou nela. Ugwu não olhou para o rosto dela, nem para o homem segurando seus ombros, nem para nada, enquanto se movia rapidamente e sentia seu próprio clímax, a onda de fluidos chegando: um desafogo de auto-repulsão. Abotoou a calça, enquanto alguns soldados aplaudiam. Por fim, olhou para a moça. Ela o fitou de volta com uma raiva imensa ¹¹ (ADICHIE, 2008, p. 423).

A violência é uma das características negativas da masculinidade, e esse ritual pelo qual Ugwu passou é a celebração do lado violento do homem. Ainda que em situação de guerra, a violência contra o corpo da mulher é uma opção consciente que os homens fazem para exercerem seu poder de macho, configura-se como feminicídio. A menina em questão nem pertencia a um povo inimigo (não era nem iorubá nem hauçá). Era provavelmente ibo, ou de algum subgrupo ibo. Não está em questão, nessa parte da narrativa, a violência entre povos, mas a situação de violência que é perpetrada contra a mulher em situação de guerra. O estupro é usado largamente como arma de guerra numa demonstração de violência associada à ‘hipermasculinidade’. ¹² Ao

¹¹ “Ugwu’s head ached. Everything was moving so fast. He was not living his life; life was living him. He drank steadily and watched the others, their mouths opening and closing, rancid jibes and conceited boasts and magnified memories coming out of them.

(...)

‘*Ujoabiala o!* Target Destroyer is afraid! Ugwu shrugged and moved forwards. ‘Who is afraid?’ he said disdainfully. I just like to eat before others, that is all.’

‘The food is still fresh!’

‘Target Destroyer, aren’t you a man? *I bukwanwoke?*’

On the floor, the girl was still. Ugwu pulled his trousers down, surprised at the swiftness of his erection. She was dry and tense when he entered her. He did not look at her face, or at the man pinning her down, or at anything at all as he moved quickly as felt his own climax, the rush of fluids to the tips of himself: a self-loathing release. He zipped up his trousers while some soldiers clapped. Finally he looked at the girl. She stared back at him with a calm hate.” (ADICHIE, 2007, p.364-365)

¹² Quanto à prática violenta do estupro, isso está igualmente documentado no relatório sobre o crime de genocídio cometido pelos nigerianos. Podemos ler na página 24 item (b): “The blood-thirsty Nigerian Army break door of the houses, smash up furniture and loot as much as they can. Children abandoned by their parents in their exodus are

passar pela situação do estupro, Ugwu tem assegurada sua posição como membro integrante daquele batalhão de crianças-soldado. Ele é, portanto, o personagem masculino que representa uma masculinidade em formação, que passa por todas as complexidades da jornada de amadurecimento e conhecimento do *self*, do seu eu profundo.

Outra possibilidade de abuso da masculinidade no sentido negativo e pejorativo é a presença de personagens como o pai de Olanna, chefe Okonji, e o tio Mbaezi. O que todos dividem em seus comportamentos é uma série de atos que reforçam o lado perverso e devastador da heteronormatividade tradicional e hegemônica. O pai de Olanna é um ibo milionário, com interesses financeiros em todo o país e no exterior. Como ele é pai de gêmeas e uma delas é preferida e mais bonita – Olanna –, ele usa a filha para seduzir os homens com os quais potencialmente tem interesses financeiros. Não que a filha sucumba aos desejos do pai, mas ela é forçada a jogar um determinado papel em jantares e almoços de negócios. Nas palavras de Kainene, Olanna reconhece que é usada como carne e isca para atrair novos sócios e isso é uma situação ultrajante tanto para a relação pai e filhas quanto para o modelo de masculinidade ao qual as jovens foram submetidas ao longo da vida. O pai de Olanna, do ponto de vista de uma heteronormatividade hegemônica, é um homem típico, rico, influente, poderoso, dono de si e do seu mundo ao redor, autoritário, corrupto e corruptível.

Quando Olanna fica sabendo que ele está traindo sua mãe e que para isso alugara uma mansão num bairro rico de Lagos, vizinho ao local onde ele mora com a esposa, teve de conversar com o pai para lhe pedir que suavizasse no trato com a mãe e que escondesse a amante dos olhos desta e de suas amigas, pois ele estava fazendo a mãe sofrer.

“É falta de respeito ter uma relação com essa mulher, e ter comprado uma casa pra ela no mesmo lugar onde vivem as amigas de mamãe”, disse Olanna. O senhor vai lá depois do trabalho, com seu motorista estaciona na porta e o senhor parece não se importar que outras pessoas o vejam. Isso é um insulto para minha mãe. [...] Olanna sentiu uma pena repentina dele, da mãe, de si e de Kainene. Queria lhe perguntar por que eram apenas estranhos partilhando um mesmo sobrenome (ADICHIE, 2008, p. 255).¹³

massacred. Aged women and pregnant women are knocked down, if they are lucky not to be killed just for begging for pardon for their children. Girls of tender age in their escape from the vandals for safety are violently caught, raped and mutilated. Foreign visitors to Biafra overrun by the vandals is a scene of numerous corpses, villages and farms lying waste.” Relatório: Nigeria/Biafra Conflict – An international commission of jurists find prima facie evidence of genocide. (Report). Oxford University Library Services. Bodleian Library of Commonwealth and African Studies Rhodes House. Special Collections & Western MSS.

¹³ “Its disrespectful that you have a relationship with this woman and that you have bought her a house where my mother’s friends live”. Olanna said. ‘You go there from work and your driver parks outside and you don’t seem to care that people see you. It’s a slap to my mother’s face’. [...] Olanna felt a sudden pity for him, for her mother, for herself and for Kainene. She wanted to ask him why they were all strangers who shared the same last name.’ (ADICHIE, 2007, p.218-219).

Ora, o que Olanna faz quando toma essa atitude com o pai? Nada além de alimentar um modelo que continua dando poder ilimitado ao homem rico sobre o corpo de outras mulheres, para que ele as use ao seu bem prazer. Ela não tomou nenhuma atitude feminista ou mais centrada no ponto de vista da mulher que passa por esse tipo de assédio, consentido talvez, mas que está numa relação de força desigual com o homem que a “compra” e a mantém para uso quando bem lhe aprouver.

Mbaezi, o tio de Olanna, é um ibo que migrou para o norte da Nigéria em busca de trabalho. É um homem comum, respeitador da esposa e da família, mas não deixa de usufruir dos benefícios da supremacia masculina para ter outros relacionamentos fora do casamento, ainda que com toda discrição. Para Olanna, foi decepcionante saber, através de sua tia Ifeka, que seu tio poderia ter outras mulheres fora do casamento, desde que não trouxesse vergonha nem humilhação a ela e suas filhas. A complexidade da representação da masculinidade do tio Mbaezi reside no fato de que, apesar de ser um homem comum e de fazer uso de sua supremacia (subalterna pela condição social), ele também é, ao mesmo tempo, um bom homem. Não há na narrativa uma condenação do comportamento dele como homem, o que Adichie apresenta é mais uma faceta das possibilidades de ser um bom homem.

Para homens típicos como o chefe Okonji, o pai de Olanna ou o tio Mbaezi, a mulher é um acessório em suas relações e são usadas como troféus indicativos da ascensão social masculina. Para o pai de Olanna, a esposa é descartável assim como seus sentimentos; para o chefe Okonji, um político influente e corrupto, a mulher não passa de um troféu a ser exibido em seus círculos. Adichie explora, nessa trama, os meandros que ligam o poder à masculinidade. Olanna, ao tentar conversar com o pai sobre o que faz a mãe sofrer, de um lado, acaba apenas reforçando o estabelecimento do poder do macho e, do outro, a passividade e inoperância do lado feminino. Ao mesmo tempo em que se recusou a ser um brinquedo nas mãos do pai quando este quis atirá-la aos braços de Okonji, ela tem uma postura tradicional ao querer manter a família unida. É tradicional no sentido de não impedir que o pai continue com os encontros amorosos, mas que tente suavizar o impacto disso na vida da mãe dela; em outras palavras, sugere ao pai que mantenha o padrão rico e heteronormativo de vida.

Odenigbo é, na narrativa, o homem que dá voz a uma masculinidade intelectual e ao homem vacilante, fragilizado pela relação com a mãe, para quem o complexo de Édipo ainda não foi bem resolvido.

A paternidade responsável não é uma característica comum do homem africano na diáspora, tanto norte-americana quanto brasileira por exemplo. Entrementes, a paternidade africana é igualmente complexa devido ao caráter matrilinear de algumas sociedades ou ao

caráter coletivo da criação da criança ou à própria divisão de gênero do trabalho de criar um filho. Como diz o ditado, “é preciso uma aldeia inteira para criar uma criança”, mas, no caso de Odenigbo, ele é incapaz de criar Baby, devido à relação difícil que estabelece com ela, pois o modo como fora concebida não estava em seus planos.

Odenigbo é um homem extremamente inteligente, articulado e engajado no movimento de concepção de outro país (Biafra) a partir da nação ibo. Ele organiza círculos de debates em sua casa e lidera a conversa com maestria, caracterizando, assim, por exemplo, uma das qualidades do homem ibo: ser capaz de vencer os outros na oratória. A virilidade do homem, em muitos ibos, está relacionada à capacidade de liderança e oratória. De acordo com Uchendu (2007) essa é uma prática que começa na adolescência.

Para os jovens Igala, a masculinidade era tradicionalmente manifestado na capacidade intelectual, social e física. Espera-se que os adolescentes do sexo masculino pensem de forma independente. Eles também mostraram a sua masculinidade por namorar meninas. Uma prática comum era o de construir a casa da juventude, para demonstrar o desprendimento e consequente independência, a membros da família, especialmente da parte feminina. [...] Foi a partir deste momento que o jovem pensou em casamento, algo necessário para provar a sua capacidade de organização, e embarcar em cultivar outras qualidades de liderança tal como a oratória (UCHENDU, 2007, p. 289).¹⁴

Com o seu poder de oratória, Odenigbo conquistou Olanna, no começo da narrativa, ao discutir com o bilheteiro do teatro, porém toda a sua capacidade argumentativa não é suficiente para que ela o veja como um homem respeitável, especialmente após o episódio sobre a chegada de Baby. Ao rejeitar a criança, Odenigbo não estava de acordo com o ideal de paternidade para um homem africano decente. O lugar de pai lhe fora impingido pela mãe, mas a paternidade quem lhe ensinou foi Olanna, ao surpreendê-lo e aceitar Baby como sua filha. Embora alegasse que a relação de ambos fosse algo extremamente importante para ele, Olanna o acusa de não ter se preocupado com ela ao dormir com Amala. Surpreso com a atitude de Olanna, Odenigbo sucumbe ao fato de ser pai de Baby e decide amá-la como qualquer pai responsável.

Entretanto, Odenigbo tem algo que incomoda Olanna, algo que ela percebeu quando do incidente com a sogra. Ele apresenta aquilo que Adichie chama de ego masculino enfraquecido. Ele é um homem que não consegue lidar bem com figuras dominantes como a mãe. A mãe de Odenigbo é o tipo de mãe devoradora, que tudo quer fazer e ensinar, e domina a vida do filho, ao

¹⁴“For Igala youths, masculinity was traditionally manifested in intellectual, social and physical prowess. Male adolescents were expected to think independently. They also showed their masculinity by dating girls. A common practice was to build the house of the youth, to demonstrate the detachment, and consequent independence, from members of one’s family, especially female folk. [...] It was from this time on that the youth thought about

ponto de escolher com que mulher ele vai se deitar e ter filhos. Ela determinou em quem Odenigbo faria um neto para ela. Mama exercia um poder opressor sobre a vida de Odenigbo, mesmo sendo ele já um homem adulto e um acadêmico revolucionário, como na passagem abaixo:

“Vista-se e vamos voltar juntos. Eu falo com minha mãe”. Ele cheirava a conhaque. Entrou e pôs o *suya* sobre a mesa; nos olhos avermelhados de Odenigbo, Olanna viu lampejos de vulnerabilidade que se ocultava tão bem debaixo da confiança volúvel. Ele sentia medo, afinal. Ela encostou o rosto em seu pescoço, quando ele a abraçou, e lhe disse, em voz baixa: Não, você não precisa fazer isso. Fique aqui (ADICHIE, 2008, p. 127).¹⁵

Odenigbo é um homem que quer se casar. Ele pertence a uma cultura para a qual o casamento marca a passagem da condição de menino à de homem. Odenigbo faz questão de se casar com Olanna, mas ela não quer, por achar que o casamento irá comprometer a relação de amor, desejo e paixão que os dois nutrem um pelo outro. Mesmo com chegada da guerra e todos os percalços advindos daí, Odenigbo insiste em se casar com Olanna. Ele se preocupa com o que será feito de seu corpo depois que morrer; quem decidirá sobre isso? Se morrer solteiro, será a mãe quem deverá ordenar o funeral, mas ele gostaria que fosse sua mulher. Preocupa-se em cumprir seu papel de pretendente e pensa numa forma de levar o vinho de palma para o pai dela em Lagos. Pensa em como poderia pagar o preço da noiva. Olanna finalmente concorda e os dois se casam.

Durante a guerra e após o casamento, Odenigbo se entrega ao álcool e bebe para se anestesiar diante de todo o horror que vive, e, ainda assim, encontra tempo para ter uma amante no mesmo lugar onde mora com Olanna, Baby e Ugwu. Isso revolta Olanna, que, já sem forças, briga e bate nele, indignada. O personagem de Odenigbo corrobora o modelo de masculinidade normativa, com um ingrediente de intelectualidade, o que lhe dá mais um tempero e *sex appeal*, mas ele, mesmo com sua verve revolucionária, não é revolucionário em seu relacionamento; ao contrário, ele fragilmente reforça o modelo heterodominante.

Richard é uma personagem masculina com função interessante na narrativa. A princípio, o leitor poderia tomar qualquer tipo de antipatia por ele, pelo simples fato de ser mais um branco, inglês e jornalista em África. Contudo, ele se revela um ser humano maior que qualquer

marriage, necessary to prove his organizational ability, and embarked on cultivating other leadership qualities such as oratory” (UCHENDU, 2007, p.289).

¹⁵ “Get dressed and we’ll go back together. I will talk to my mother. He smelt of brandy. He came inside and placed the *suya* on the table, and in his bloodshot eyes she glimpsed the vulnerability that hid itself so well underneath his voluble confidence. He could be afraid, after all. She rested her face against his neck as he hugged her and said to him, quietly. ‘No, you don’t have to do that. Stay here.’”

expectativa preconceituosa. Ele é mais do que isso. Muito mais. Richard é um jovem jornalista que fora para a África e, em especial para a Nigéria, por amor, um genuíno amor pelas coisas da África, pela história africana, pela arqueologia e uma paixão pelas estatuetas de bronzes e pelos potes de corda da arte ibo, dos quais ele tomou conhecimento lá na metrópole.

Richard tomou um empréstimo com uma tia, pediu afastamento do trabalho e mudou-se para a África por um período sabático. Assim que chegou em Lagos, foi recebido por Susan, mais uma expatriada que trabalhava no *British Council*. Eles não tinham uma relação amorosa, mas estavam juntos de alguma forma, embora ele tivesse clareza de que Susan não era exatamente sua namorada, nem aspirante a tal. Era apenas uma amiga sensual. Susan, por outro lado, achava que Richard lhe pertencia. Na mente racista de Susan, Richard era o exemplar típico de um macho hetero branco dominante e, como tal, nunca se interessaria por uma africana, a não ser que fosse por aventuras. Ela não esperava o interesse sincero de Richard por Kainene Ozobia.

Ao chegar a Lagos, ele participou de uma confraternização durante a qual conheceu as irmãs gêmeas Olanna e Kainene. Ao cumprimentar Richard, Kainene declara: “Você acabou de mentir para sua mulher”. “Ela não é minha mulher”. Estava espantado de ver como se sentia zozinho ali, ao lado dela. (ADICHIE, 2008, p.72). Seus olhos se voltaram exclusivamente para Kainene, e, após umas bebidas e trocas lisonjeiras, estavam ambos interessados um no outro. E ele mais ainda intrigado com a astúcia e sarcasmos vindos de Kainene, que pareciam ser o seu natural (ADICHIE, 2008, p.74). Kainene também se interessou verdadeiramente por ele.

Logo iniciaram um relacionamento, para surpresa de Susan, que não achava perigoso deixar Richard ao lado daquela preta nigeriana rica e diplomada na Inglaterra. Susan tinha medo de suas colegas expatriadas, não de uma nativa. Kainene era uma mulher muito sarcástica e logo achou que Richard poderia ser “um solitário e um explorador atual do Continente Negro” (ADICHIE, 2008, p.78), mas, para sua surpresa, ela descobriu o amor e o companheirismo com ele.

Nesse início de relacionamento, determinado aspecto crucial da sexualidade masculina em geral foi colocado em cheque na figura de Richard: sua virilidade. Para ele, os encontros iniciais com Kainene eram tão intensos de entrega dele que, no dia em que foram para cama, ele não conseguiu ter uma ereção sequer.

Richard não tinha sido infiel, claro, mas a fidelidade não dizia respeito só ao sexo. Rir ao lado de Kainene, contar a Kainene sobre tia Elizabeth, ver Kainene fumando, claro que tudo isso era infidelidade; ou assim lhe parecia. O coração acelerar quando Kainene lhe dava um beijo de adeus era infidelidade. A mão dela na sua, sobre a mesa, era um infidelidade. De modo que no dia em que Kainene não lhe deu o beijo costumeiro de adeus e, em vez disso comprimiu sua boca na dele, de lábios abertos, ele se espantou. Não tinha se permitido

esperar tanto. Talvez por isso a ereção não tenha vindo: a mistura castradora de surpresa e desejo. Eles se despiram rápido. O corpo nu de Richard pressionava Kainene, no entanto seu pênis continuava mole. Explorou os ângulos da clavícula, os lábios querendo o tempo todo que corpo e alma funcionassem melhor juntos, querendo que seu desejo ultrapassasse a ansiedade. Mas o pênis não endureceu. Podia sentir seu peso flácido entre as pernas.

Ela sentou na cama e acendeu um cigarro

“Desculpe”, disse, e quando ela deu de ombros, sem dizer nada, ele se arrependeu de ter pedido desculpas. Richard percebeu qualquer coisa de deprimente naquela suíte luxuosa e atravancada de móveis, enquanto vestia a calça que podia muito bem não ter sido tirada e Kainene enganchava o sutiã. Ele queria que ela dissesse alguma coisa (ADICHIE, 2008, p.78-79).¹⁶

Richard é, a princípio, retratado como um homem branco sem masculinidade, sem força ou vigor físico. E, devido ao seu intenso desejo por Kainene, ele seguia falhando sexualmente com ela, o que o apavorava. Ele não conseguia se desvincular do desejo de ficar mais tempo com ela, de conversar, de rir juntos e de até fazer planos.

Ele estava tão apavorado de falhar que ver o pênis ereto o deixou delirantemente agradecido, tão agradecido que foi uma questão de entrar dentro dela e sentir na hora aquele tremor involuntário impossível de parar. Ficaram ali um tempo, ele em cima dela, depois ele saiu de lado. Queria dizer a ela que isso nunca acontecera. Sua vida sexual com Susan era satisfatória, ainda que superficial. “Eu sinto tanto”, disse ele (ADICHIE, 2008, p.80).¹⁷

Richard descobre ter um fascínio por Kainene, algo que era tão profundo que nem ele mesmo podia explicar para si: “Richard ardia por saber o que ia pela cabeça de Kainene. Sentia uma dor quase idêntica quando a desejava na cama, e sonhava estar dentro dela, penetrando cada vez mais fundo, tentando descobrir algo que sabia que nunca descobriria. Era como beber um copo de água atrás do outro e continuar sedento, com o receio excitante de jamais ser capaz de

¹⁶ “He had not been unfaithful to her, of course, but fidelity could not just be about sex. His laughing with Kainene, telling Kainene about Aunt Elizabeth, watching Kainene smoke, surely has to be infidelities; they felt so. His quickened heartbeat when Kainene kissed him goodbye was and infidelity. Her hand clasped in his on the table was an infidelity. And so the day Kainene did not give him the usual goodbye kiss and instead pressed her mouth to his, lips parted, he was surprised. He has not permitted himself to hope for too much. Perhaps it was why and erection eluded him: the gelding mix of surprise and desire. They underdressed quickly. His naked body was pressed to hers and yet he was limp. He explored the angles of her collarbones and her hips, all the time willing his body and his mind to work better together, willing his desire to bypass his anxiety. But he did not become hard. He could feel the flaccid weight between his legs.

She sat up in bed and lit a cigarette (ADICHIE, 2007, p.62).

‘I’m sorry’, he said, and when she shrugged and said nothing, he wished he has had not apologized. There was something dismal in the luxurious overfurnished suite, as he pulled on trousers that might just as well have stayed on and she hooked her bra. He wished she would say something.” (ADICHIE, 2007, p. 63).

¹⁷ “He was so terrified of failing her again that seeing himself erect made him deliriously grateful, so grateful that he was only just inside her before he felt that involuntary tremble that he could not stop. They lay there, he on the top of her, for a while, and then he rolled off. He wanted to tell her that this had never happened to him before. His sex life with Susan was satisfactory, though perfunctory.

‘I’m sorry’, he said (ADICHIE, 2007, p. 64).

matar aquela sede” (ADICHIE, 2008, p.81). No decorrer da narrativa, a relação entre Richard e Kainene se fortalece. Ele vai trabalhar na universidade de Nsukka e viaja constantemente para Port Harcourt onde Kainene fora morar para gerir os negócios da família. Com o deflagrar da guerra, ele é convidado a ser correspondente para um jornal britânico e a contar o ponto de vista mais próximo do que está acontecendo de verdade em território biafrense. E ele busca manter o compromisso com a causa ibo, biafrense, pois também se sentia como um de dentro.

Adichie não é uma escritora cuja escrita esteja fadada aos extremismos e dualismos do bem ou do mal, do certo ou do errado, do essencialmente africano e do essencialmente branco. O exame de seus textos ficcionais aponta para um exercício de análise das complexidades humanas, e a inserção de um personagem com a psicologia de Richard permite-nos perceber que nem todo homem branco da metrópole é pedante e explorador. A masculinidade hegemônica branca de Richard não se concretiza no perfil de um macho opressor, pelo contrário, ele é o anti-exemplo da masculinidade branca- hetero-dominante. Não é viril, é inseguro, é um homem de bom coração, é um pesquisador (antropólogo) em formação, um escritor jornalista. Richard poderia ser o estereótipo do homem branco, mas Adichie o castra enquanto homem, pois ele é o oposto da colonização; subverte estruturas de poder e vai na contramão do estereótipo de um branco jovem inglês. Há, na dinâmica desse personagem, uma desconstrução das hierarquias de raça, classe e gênero, porque, numa relação sincera com uma mulher negra africana e rica, ele fica em segundo plano e quem domina a relação é ela. A inversão que Richard engendra como personagem traduz sua masculinidade *naïf* e *soft*, perfeitamente encaixada num projeto de nação que não veja todos os homens brancos como inimigos ferozes, mas que busque visualizar no outro a possibilidade de diálogos distantes de estereótipos da dicotomia colonizador-colonizado.

Mohammed é o personagem masculino mais intrigante do ponto de vista da masculinidade no romance. Ele transita pela narrativa como o ex-namorado de Olanna que virou amigo, protetor e salvador. Eles namoravam quando ela se apaixonou por Odenigbo. Kano, no norte da Nigéria, é a região onde moram os hauçá-fulanis, grupo majoritariamente muçulmano. Mohammed provinha de uma linhagem real de hauçás¹⁸ e de uma família milionária, assim como a de Olanna. Era um homem bonito e sensual aos olhos de Olanna: ela admirava sua pele cor de caramelo (ADICHIE, 2008, p.58), seu porte esportivo e sua beleza estonteante.

¹⁸ Frank Salamone (2007) explica resumidamente quem são os hauçás. Trata-se de uma população da região norte da Nigéria e do Níger, onde a língua hauçá é falada; como hauçá, também se entende aqueles que emigraram para outros países por questões de sobrevivência e comércio, em especial para países da África Ocidental, como Gana, Mali, Burkina Faso. O autor salienta que, na África Ocidental, as pessoas geralmente chamam de hauçá qualquer estrangeiro que fale a língua hauçá e pratique o islamismo (SALAMONE, 2007, p. 46).

A melhor das surpresas. Ela ergueu os olhos e lá estava Mohammed, num caftã branco, sorrindo para ela. Seus lábios tinham uma curva sensual, lábios que ela beijara tantas vezes, quando passava a maior parte dos fins de semana em Kano, comendo arroz com os dedos, na casa dele, vendo Mohammed jogar pólo no Flying Club, lendo a péssima poesia que ele dedicava a ela. “Você continua com um ótimo aspecto”, disse ela, enquanto se abraçavam (ADICHIE, 2008, p.57).¹⁹

Ambos mantinham um relacionamento sincero de amizade e respeito mútuo após o fim do namoro. Mohammed compreendera o fim do amor, mas ainda nutria alguma esperança de ter Olanna de volta. Ela, por sua vez, brinca com ele para saber como andam suas namoradas norte-americanas: “Você não quer me deixar dar um beijo em você”. “Não”, disse ela, ainda que ele não tivesse feito uma pergunta. “Você não quer me contar sobre sua Janet-Jane.” (ADICHIE, 2008, p. 58). E, após esses comentários que só ex-namorados com muita intimidade podem fazer, Olanna observa que o corpo alto e magro de Mohammed bem como seus dedos afilados falavam de fragilidade, de suavidade. Mais de suavidade do que de fragilidade. Mohammed era um homem hauçá suave. Ele ainda a amava e lamentava o fim da relação.

Mohammed tocou uma sineta e pediu ao criado que trouxesse bebidas. Depois, sentou-se esfregando pensativamente o polegar e o indicador. “Às vezes, sinto que minha vida não está indo à parte alguma. Eu viajo, dirijo carros importados e as mulheres me seguem. Mas tem alguma coisa fora do lugar, alguma coisa faltando. Sabe o que quero dizer?” Olanna o observava; sabia aonde iria parar o papo. No entanto, quando ele disse: “Eu gostaria que nada tivesse mudado”, ela se sentiu comovida e elogiada (ADICHIE, 2008, p. 58).²⁰

Essa suavidade de Mohammed surpreendeu Olanna quando ela lhe comunicou que iria terminar a relação, pois não queria ser uma namorada infiel e estava apaixonada por outro homem. Mohamed teve a mais das surpreendentes reações: compreendeu. Parece difícil haver algum homem rico, muçulmano (o que sugere que pode ter as mulheres que quiser) que compreenda com a mais profunda alteridade que será trocado por um intelectual pseudo-revolucionário qualquer. Mas ele não apenas compreendeu. Mohammed disse a Olanna que fosse em frente e dormisse com Odenigbo, contanto que não o deixasse. E essa é a parte mais intrigante desse perfil masculino: que homem em sã consciência sabe e aceita a traição de sua

¹⁹ “The best surprise.”

She looked up and Mohammed was there, in a white kaftan, smiling down at her. His lips were a sensual curve, lips she had once kissed so often during those days when she spent most of her weekends in Kano, eating rice with her fingers in his house, watching him play polo at the Flying Club, reading the bad poetry he wrote to her.

‘You’re looking so well’, she told him, as they hugged.” (ADICHIE, 2007, p.44).

²⁰ “Mohammed rang a Bell and asked a steward to bring some drinks. Afterwards, he sat thoughtfully rubbing his thumb and forefinger together. ‘Sometimes, I feel my life is doing nowhere. I travel and drive imported cars, and women follow me. But sometimes isn’t there, something isn’t right. You know?She watched hi; she knew where he was going with this. Yet when he said, ‘I wish things didn’t change’, she was touched and flattered.(p. 45)

mulher e continua com ela, sem repreensões violentas, tanto na imediatez ao saber da traição, ou da possível traição, quanto em momentos futuros do relacionamento? Nenhum, diríamos. Nenhum não. Mohammed, o hauçá muçulmano do norte da Nigéria, personagem ficcional. Esse mesmo Mohamed brincava com Olanna ao dizer que tinha vindo de uma linhagem de santos guerreiros, os próprios avatares da pia masculinidade (ADICHIE, 2007, p.59).²¹

Com essa consciência, Mohammed instaura um modelo de masculinidade na narrativa que é tanto heterodominante, pois ele está em condições sociais de dizer o que deve ou não deve ser, já que pertencia a uma classe dominante em sua sociedade, e, em tese, teria o poder, embora não o exerça na relação com Olanna. Decidido quanto ao amor dele por Olanna, diz que se casaria com ela mesmo sem o apoio da mãe (ADICHIE, 2008, p. 60). Seu ego era fortalecido e independente da mãe, ao contrário de Odenigbo, subjugado pelas vontades maternas. Essa paz que subjaz ao comportamento de Mohammed também é uma característica dos hauçás²², e, mais uma vez, Adichie desconstrói, através de Mohammed, o senso comum em relação aos homens africanos muçulmanos. O ponto de vista adichiano está em consonância com o de Salamone (2007), para quem não existe uma única visão e prática sobre a sexualidade entre os povos islâmicos: as concepções sobre condutas sexuais e relacionais entre homens e mulheres variam com o local e o tempo; portanto, é altamente plausível que haja homens muçulmanos que não sejam violentos e compreendam os desejos das mulheres com quem se relacionam, e reajam racionalmente ao fim de um relacionamento. Nesse sentido, Mohammed ocupa o espaço da representação da transição do homem ideal ao homem real, que cabe num projeto de imaginar a nação com homens de vários povos. Nesse projeto, nem sempre o homem muçulmano é visto como o diabo opressor e assassino e dono de harém onde mulheres são subjugadas, tal como na imaginação colonialista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Half of a yellow Sun**. London: Harper Perennial, 2007.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Meio sol amarelo**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

²¹ De acordo com Frank A. Salamone (2007), os hauçás da Nigéria passam por vários ritos de iniciação de sua masculinidade; geralmente os meninos passam por uma cerimônia de flagelação em que são espancados e eles devem aguentar. Aqueles que têm sucesso, podem se casar com a moça mais bonita da aldeia; ela seria o prêmio para esse novo homem. Olanna, a bela, poderia ser o prêmio de Mohammed, mas ela se recusou.

²² Salamone (2007) explica que parte da transição para a masculinidade hauçá é marcada por uma imagem de masculinidade que inclui a calma e a solidariedade masculina em geral (SALAMONE, 2007, p.47).

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *A Young female is un successful without a man in Nigeria?* In: **Nigeria Films.com**, Lagos, 2010. Disponível em: <http://www.nigeriafilms.com/news/10149/21/a-young-female-is-unsuccessful-without-a-man-in-ni.html>. (Acesso jun. 2015).

HUNT, David. **Nigeria: the secession of Eastern Nigeria**, Confidential. Nigeria: The secession of eastern Nigeria. British Higher Commissioner in Nigéria to the Secretary of State for Commonwealth Affairs. 1 july, 1967. Documento disponível em: Kew Archives – Londres. **Coleção- West African - Pasta – Commonwealth Africa: Nigeria (FCO 25/ 232) - Political Affairs – International - Secession of Eastern Region.**

SALAMONE, Frank A. *Hausa concept of masculinity and the Yan Daudu*. In: **Journal of Men, Masculinity and Spirituality**”. Vol. 1, n. 1, p 45-54, January 2007. s/l. Disponível em www.jmmsweb.org (Acesso jun. 2015)

UCHENDU, Egodi. *Masculinities and Nigerian youths*. In: **Nordic Journal of African Studies** 16(2):279-297, 2007.

UCHENDU, Egodi. **Masculinities in Contemporary Africa**. Dakar: Codesria, 2008.

Recebido em: 04/03/2019

Aprovado em: 16/05/2019